

A Pedra Goiana

tombou do céu

Ercília Macedo-Eckel



Foto do início de 1940

Ela exibia poderes extraterrestres, devido ao seu inexplicável equilíbrio e desafio às leis da física, à força da gravidade – desde sempre. Era quase o símbolo do deus Goyá, domiciliado nas vizinhanças da Serra Dourada. Era a materialização da alma de nossos ancestrais. A Pedra Goiana estaria acima das leis de mudança, do AI-5, da decrepitude e da morte, não fossem as mãos baderneiras, de vândalos, que a arremessariam brutalmente serra abaixo, como se fora ela um aerólito ou meteorito caindo do céu.

Naquele momento dessacralizou-se a energia criativa da natureza. Não por acaso, mas por vontade planejada de uma gangue composta de nove playboys da cidade de Goiás: Aluizio de Alencastro (Luz da Lua), Joel de Alencastro Veiga (Vequinho), José Alves (Zé Sancha), Sebastião Alves (Tião Sancha), Ailton da Silva Oliveira (“Dentista”), Sebastião Bento de Moraes (Bentinho), Nelson Curado Filho (Curê), Luiz Nascimento (Lulu) e Eugênio Brito Jardim (Tatá). Hoje, provavelmente, são aposentados, beirando 70 anos, mais, ou já falecidos. Ao abandonarem as arruaças e contravenções, tiveram profissões dignas. Foram (ou são): médico, escritor ou dentista; proprietário de serraria e servidor da Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins; prof. universitário ou diretor de

Faculdade e Fundação. Pelo menos quatro desse grupo parece terem se tornado cidadãos comuns, pois deles não há notícia por qualquer meio de comunicação.

Esse bando não sofreu punição (*até hoje*, apesar da abertura de “inquérito rigoroso”) pela ousadia de derrubar a Pedra. O ato foi planejado e desafiador: “Olhe, soldado Miguel, não vá dizer que não avisamos. Estamos indo destronar a Pedra Goiana de aproximadamente 30 toneladas. Queremos entrar para a História de Goiás, através desse feito original e inimaginável. A ex-capital já não aguenta mais os quebra-quebras promovidos por nós, sob efeito de cachaça ou não. Então, estamos partindo na pick-up jeep de Alaor Barros Curado para esse acontecimento histórico na Serra Dourada. Brevemente seremos manchete em Goiás e no Brasil.” Soldado Miguel nem ligou, achou um disparate, conversa de doidos, de bêbados *quebradores de baile*.

“Chegaram lá”. Expressão da moda. Há 48 anos: 11 de julho de 1965. Altitude de 1.050 metros, área de difícil acesso, entre Mossâmedes e a cidade de Goiás, às margens da GO-164. Objetivo desses vândalos, já expresso no parágrafo anterior: Lançar ao vento aproximadamente 30 toneladas do monumento entalhado pela natureza e que há séculos e séculos (700 milhões de anos para ser esculpido) balança sobre duas pedras pequenas, mas que nunca perdera o equilíbrio.

Levaram para usar com “inteligência” e realizar a façanha um macaco hidráulico. E, quem sabe, dinamite. Os “rebeldes sem causa” nada tinham a ver com autoritarismo e vida difícil. Mas, por oportunismo, se abrigariam à sombra da crise política, da ditadura recém-estabelecida e receberiam, por certo, a proteção das autoridades locais, pois tinham “costa larga”. E a maioria vinha de linhagem, com “pedigree” familiar de sobrenome, desde o Império e primeiros anos da República.

O curioso é que “luz da lua” é apenas o reflexo do sol. Não tem luz própria. E estava na minguante, quando a Pedra caiu. Pode se imaginar o estrondo. Apesar de quase trevas naquele momento, os cachorros da redondeza latiram tanto, que inflaram ainda mais o ego daqueles *astros*, girando na utopia de entrarem para a História de Goiás.

A verdade é que esse ato de vandalismo não pode ser considerado como uma rebeldia política, uma insurreição ideológica. O que defendiam? A baderna generalizada em Vila Boa? Muito menos pode esse grupo de jovens ser incluído na Geração AI-5, naquele momento: A Pedra Goiana foi derrubada em 11 de julho de 1965. O AI-5 foi instituído em 13 de dezembro de 1968, três anos e cinco meses depois.

Diante daquele macabro acontecimento, nós nos sentimos tão arrasados, como se sentiriam os cariocas, se uma gangue de baderneiros arremessasse o Cristo Redentor das nuvens do Corcovado para o

despenhadeiro lateral, a uma altitude de 710 metros e peso aproximado de 1.145 toneladas.

Ainda alimentamos a esperança da difícil execução de um projeto que devolveria a Pedra Goiana ao seu local e forma originais. Ela está lá no pé da Serra Dourada e tem deus Goyá por sentinela. Aguarda o governador que, certamente, entrará para a História de Goiás, com essa fantástica realização. Que tal, em 2015, 50 anos depois de sua queda?

* * *

A baderna e o vandalismo daqueles playboys da cidade de Goiás lembram os movimentos de rua de hoje, 48 anos depois. Muitos dos jovens de agora sabem o que querem e defendem o que é realizável, vestidos com a bandeira nacional. São ordeiros e, apesar de fragmentados, têm noção de controle do comportamento coletivo em determinada situação. Mas há sempre aquela minoria de baderneiros, de mente subterrânea, primitiva, desprovida de rumo e de idéias (porque lê pouco) – e que só promove quebra-quebras, incêndios, saques, arrastões; agressões, obstrução de rodovias, sujeira, pânico e destruição generalizada.

Espero que grande parte desse último grupo minoritário se encontre existencialmente, torne-se cidadãos honrados, como aconteceu com, praticamente, os nove da cidade de Goiás. Embora derrubar aquela gigantesca Pedra, esculpida pela natureza durante séculos, e ponto turístico de grande interesse, pareça mais aterrador e mefistofélico que o vandalismo praticado nas ruas do Brasil, nesses meses de junho e julho de 2013.

escritoraercilia@hotmail.com